

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA ALAGOANA NO TERCEIRO TRIMESTRE DE 2017

Superintendência de Produção da Informação e do Conhecimento (SINC)

Diretoria de Estatística e Indicadores

A presente Nota Técnica tem como objetivo apresentar um panorama geral da indústria, abordando alguns setores como: mercado de trabalho, energético, construção civil e combustíveis, para a economia alagoana no segundo trimestre do ano de 2017, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Eletrobrás, Sindicato da Indústria e da Construção Civil de Maceió (sinduscon) e Agência Nacional do Petróleo (ANP), e tem como foco o comportamento dos principais indicadores dos setores supracitados.

1. Emprego

Ao analisar os dados do CAGED para o terceiro trimestre de 2017 (Tabela 1), é possível perceber uma redução do emprego na indústria (49,65%), se comparado ao mesmo período de 2016 – quando o saldo para a indústria fechou em 14.160 postos de trabalho. Parte deste resultado se deve ao período cíclico da indústria sucroenergética. É válido reforçar que este setor absorve um grande contingente de mão-de-obra em tempos de colheita e produção.

Tabela 1 - Saldo de Emprego para a Indústria em Alagoas, por categoria, para o terceiro trimestre de 2016 e 2017

SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA	Saldo Terceiro Trimestre 2016 (Variação absoluta)	Saldo Terceiro Trimestre 2017 (Variação absoluta)	Variação Percentual
<i>Extrativa Mineral</i>	7	-16	-328,57%
<i>Indústria de Transformação</i>	15.375	7.351	-47,81%
<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP</i>	-16	-2	12,50%
<i>Construção Civil</i>	-1.206	-203	16,83%
Total da Indústria	14.160	7.130	-49,65%

Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

2. Energia Elétrica

Amador (2010) detalha que a energia é de fundamental importância em todas as economias. Com efeito, a energia é um insumo básico em praticamente todos os processos produtivos. Deste modo, características estruturais em termos de produção e consumo de energia, bem como choques nos preços ou quantidades, têm um forte impacto na maior parte das variáveis econômicas.

A constatação acima é reforçada ao observar os dados do consumo de energia elétrica da indústria no estado de Alagoas, conforme Tabela 2, em megawatt-hora (MWh), para o terceiro trimestre de 2017.

Tabela 2 - Consumo de Energia Elétrica em Megawatt-hora (MWh) por Segmento Industrial, para o Terceiro Trimestre de 2016 e 2017.

Segmento da Indústria	Consumo de energia no 3º trimestre [MWh]		Variação Percentual
	2016	2017	
<i>Extrativa Mineral</i>	27.734	26.348	-5,00%
<i>Indústria de Transformação</i>	112.326	68.403	-39,10%
<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP</i>	1.878	1.270	-32,38%
<i>Construção Civil</i>	325	310	-4,66%
Total da Indústria	142.263	96.330	-32,29%

Fonte: Eletrobrás. Elaboração SEPLAG/SINC.

Ao observar os dados na Tabela acima, é possível notar que todos os segmentos industriais apresentaram variações percentuais negativas para o consumo de energia elétrica. No total da indústria, houve um recuo de 32,29% no consumo no segundo trimestre de 2017 em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa performance reflete um cenário favorável para a economia.

3. Construção Civil

De acordo com Kureski et. al (2008) a indústria da Construção Civil é de fundamental importância para a estrutura econômica de um país. É grande consumidora de produtos dos outros segmentos industriais, com uma ampla cadeia produtiva. À

agregação da indústria da Construção Civil e às atividades que fornecem insumos e serviços dá-se o nome de macrossetor da Construção Civil.

Com a finalidade de proporcionar uma análise mais detalhada, serão abordados o Índice de Velocidade de Vendas¹ (IVV) e o Custo da Construção Civil por Metro Quadrado².

Tomando a Tabela 3, observou-se que o IVV do mercado para cidade de Maceió, no terceiro trimestre de 2017, apresentou alta de 80% de julho (3,6) a setembro (6,5). Esse resultado fica ainda mais evidente quando compara-se o primeiro trimestre, para os anos de 2016 e 2017, cujo índice de velocidade de vendas, para a cidade de Maceió subiu, em média, 155%. Este resultado demonstra uma melhora no volume de vendas no mercado imobiliário da cidade de Maceió.

Criado em 1969, o Sinapi tem como objetivo a produção de informações de custos e índices de forma sistematizada e com abrangência nacional, visando não só à elaboração e avaliação de orçamentos, como também ao acompanhamento de custos.

Os dados do SINAPI, Tabela 3, mostra que o custo por m² aumentou, chegando a uma média de R\$ 1.133,33 no período, que representa uma variação positiva de 2,2% em relação ao terceiro trimestre de 2016.

Tabela 3 - Indicadores (Índice de Velocidade de Vendas – IVV e Custo por Metro Quadrado em Reais) da Construção Civil em Alagoas, para o Terceiro Trimestre de 2016 e 2017.

Mês	IVV ²		Custo da Construção por m ² (³)	
	2016	2017	2016	2017
julho	2,9	3,6	1.108,35	1.132
agosto	2,1	5,4	1.108,64	1.133
setembro	1,1	6,5	1.109,84	1.134
Média do 3º Trimestre	2,03	5,17	1.108,94	1.133,33

Fonte: IBGE e Sinduscon – AL.

¹ Este índice é calculado para a região metropolitana de Maceió. Ele corresponde ao total das vendas de unidades habitacionais dividida pela oferta total de imóveis residenciais, multiplicado por 100.

² Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desenvolve a execução da mensuração deste indicador mensalmente, através do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI).

Cabe ratificar que esse crescimento nos custos da construção por m² tende a acompanhar o aumento da inflação, pois a elevação dos preços das matérias-primas e da mão de obra provocam dificuldades para o setor, aumentando os custos.

4. Petróleo e Gás Natural

Finn (1996, p. 12), considera que “mais insumos são necessários para aumentar o produto, significando que mais energia deve ser demandada para o crescimento do produto, em virtude da energia ser um importante item para a utilização do capital”.

Observando a Tabela 4 percebe-se que houve uma queda da produção total de petróleo, e líquido de gás natural em relação ao mesmo período do ano anterior (1,94%). A produção de petróleo apresentou variação negativa de 14,56% e Líquido de Gás Natural (-8,96%). O Gás Natural foi o único derivado de petróleo a apresentar, leve, alta na produção foi o Gás Natural (5,89%).

Tabela 4 - Produção de Petróleo, Gás Natural, Líquido de Gás Natural, em Barris, em Alagoas para o Primeiro Trimestre de 2016 e 2017

Produção (em barris)	3º Trimestre 2016	3º Trimestre 2017	Variação (%)
Petróleo	369.388	315.616	-14,56%
Líquido de Gás Natural - LGN	98.708	94.238	-4,53%
Gás Natural	627.937	664.893	5,89%
Total	1.096.032	1.074.747	-1,94%

Fonte: ANP. Elaboração SEPLAG/SINC.

Em síntese, os dados apresentados e discutidos na presente nota técnica apontam para a identificação de dificuldades nos setores industriais ligados a indústria de transformação, que apresentou redução 47% no número de postos de trabalho, em função das dificuldades enfrentadas pelo setor sucroenergético.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional do petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – ANP. Dados de Petróleo e Gás Natural. Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2016.

Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Atlas de Energia Elétrica do Brasil. 2002. Disponível em:<http://www.aneel.gov.br/documents/656877/14486448/LIVRO_ATLAS_2.pdf/712384c0-8922-42dd-a761-e82d770537ac?version=1.0>. Acesso em novembro de 2016.

AMADOR, J. Produção e Consumo de Energia em Portugal: Factos Estilizados. In B. d. Portugal (Ed.), Boletim Económico (pp. 71-86). 2010.

Eletrobrás. **Dados de Consumo de Energia Elétrica.**

FINN, M. G., Energy Price Shocks, Capacity Utilization and Business Cycle Fluctuations. Minneapolis: Institute for Empirical Macroeconomics, 1996.

IBGE. **Dados da Construção Civil.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=2296>>. Acesso em: de 08 fevereiro de 2016.

KURESKI, Ricardo; RODRIGUES, Rossan Lott; MORETTO, Antônio Carlos; SESSO FILHO, Umberto Antônio; HARDT, Letícia Peret Antunes. O macrossetor da construção civil na economia brasileira em 2004. 2008. Disponível em: <<http://scholar.google.com>>. Acessado em: julho de 2017.

Ministério do Trabalho e Emprego – MTE (CAGED). Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/caged_mensal/principal.htm>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2016.

Sindicato da Indústria e da Construção Civil (SINDUSCON – AL). Dados da Construção Civil. Disponível em: <<http://www.sinduscon-al.com.br/>>. Acesso em: 06 de julho de 2015.

TEIXEIRA, L. P.; CARVALHO, F. M. A. A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. Revista Paranaense de Desenvolvimento, n. 109, p. 9–26, 2005.